

**LEADING
POLITICS**

LEADING
POLITICS
LEADING



LEADING
POLITICS
**LEADING
POLITICS**
LEADING

NÚMEROS

Em 2022,

32,7% DOS LUGARES

em parlamentos nacionais na União Europeia eram ocupados por mulheres.

Fonte: Eurostat

118 MIL IMIGRANTES

entraram em Portugal em 2022, um aumento de 21,7% face ao ano anterior.

Fonte: Pordata

Portugal tem votado cada vez menos nas eleições europeias, somando apenas

30,75% DE COMPARÊNCIA EM 2019.

Fonte: Parlamento Europeu em colaboração com o Kantar

46% DOS ALUNOS DE 39 COLÉGIOS

privados superaram os 19 valores a pelo menos uma disciplina.

Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), 2023

LETRAS

Muitos dos ativistas que se integram neste movimento [Woke] procuram apenas isso: atenção para si próprios e

ALGUNS MINUTOS DE FAMA.

Aline Hall de Beuvink, Professora Universitária na Universidade Autónoma de Lisboa

OS NOVOS ATIVISMOS

convocam a racionalidade, o conhecimento, a tecnologia e apelam ao sentido crítico e lógico da razão democrática.



Paula do Espírito Santo, Professora Associada com Agregação, CAPP/ISCSP/Universidade de Lisboa

As novas gerações vão ficar fartas de ser geridas pelos *influencers* e

ZOMBIFICADAS

pelos algoritmos das multinacionais da Internet.

Michael Baum, Membro Executivo do Board da FLAD e Professor Catedrático na Universidade Católica Portuguesa

A ORIGEM DO TERMO WOKÉ

Lives Matter (As Vidas Negras Importam). Mas este termo remete igualmente para a noção de «iluminação», tão importante na história religiosa dos Estados Unidos, assinalada por toda uma série de «despertares religiosos» protestantes.

O termo woke é mais ajustado do que a expressão «politicamente correto», usada nos anos 1980 para descrever as correntes de pensamento que anunciavam estas ideologias. Contudo, «politicamente correto» era uma expressão essencialmente pejorativa, a que recorriam aqueles que se opunham às tentativas dos progressistas de então de controlar a linguagem e evitar expressões «discriminatórias». Por conseguinte, nunca ninguém se apresentava como «politicamente correto». Pelo contrário, o termo woke tem a vantagem de não ter sido inicialmente depreciativo, pelo contrário.

Foi por vezes usada uma outra denominação para designar estes militantes identi-

tários, a de «guerreiros da justiça social» (SJW, social justice warriors). Esta reflete o carácter militante dos wokes e o facto de, para estes, que maioritariamente começaram por ser estudantes, as universidades não deverem visar a procura da verdade, mas sim estabelecer uma verdadeira «justiça social», inclusivamente com recurso a meios coercitivos. É, contudo, evidente que a expressão «justiça social» não está adaptada ao papel central que os militantes woke atribuem às noções de género e de raça, ao passo que a questão social é substancialmente deixada de lado.

Uma terceira expressão por vezes utilizada para designar a doutrina destes militantes woke é cancel culture, «cultura de anulação» ou de «cancelamento». Faz referência, neste caso também pejorativamente, não ao conteúdo, mas ao seu método de ação. Este hábito de «cancelar» os adversários é efetivamen-



termo era desconhecido em França até 2020, mas tende hoje para se impor. Se o utilizamos, é porque indica a dupla origem do movimento, uma mais próxima e outra mais remota. Woke significa, antes de mais, «desperto» na linguagem popular afro-americana, e foi recuperado, por sua vez, pelo movimento Black

te um dos aspetos mais característicos e mais detestáveis deste movimento. Esta vontade de aniquilar e de eliminar os adversários evoca necessariamente a forma como os «inimigos do povo» iam sendo gradualmente apagados das fotografias soviéticas. Além do método, esta noção de *cancel culture* não permite saber que ideias os wokes querem verdadeiramente promover.

Um termo emprestado da cultura popular negra

O termo woke foi inventado pelos militantes negros americanos e recuperado na cultura dos campus universitários desde aproximadamente os anos 2010, primeiro em torno da teoria crítica da raça, mas, em seguida, mais genericamente, para designar o conjunto das correntes universitárias militantes, do género à interseccionalidade. Woke, na linguagem popular afro-americana, foi criado a partir de woken, o participio passado do verbo wake, despertar. Esta ideia do despertar ganhou muito rapidamente um sentido político. Nos anos 1920, o profeta rastafári e militante negro de origem jamaicana Marcus Garvey tinha adoptado o slogan «Wake up Africa! Wake up Ethiopia!» para apelar a uma maior consciência política dos negros americanos. A exortação a «serem despertados» permanecerá presente na cultura reggae. O termo woke significa igualmente, nesta mesma linguagem popular afro-americana, estar «à escuta de novidades», também «ser cool», como no artigo do escritor negro William Melvin Kelley, que faz em 1962 uma lista das palavras de origem afro-americana recuperadas pelos beatniks da época. Nesse mesmo artigo, Kelley apela aos negros americanos para que conservem o domínio da sua própria língua.

O termo woke acabará por assumir um sentido mais político com o êxito musical da rapper Erykah Badu, «Master Teacher», em 2008: «Mesmo quando o pregador te mente [...] tu ficas sempre desperto / Mesmo que passes por dificuldades e conflitos / Para mante-

res uma vida sã, fico sempre desperto.» Poderíamos então traduzir o termo woke mais precisamente por «consciente», «informado» acerca dos assuntos políticos e sociais, ou até, numa linguagem mais militante, «conscientizado». Em 2012, a mesma Erykah Badu usa novamente a expressão stay woke num tweet de apoio às cantoras da banda punk Pussy Riot, detidas na Rússia: «A verdade não precisa de crenças. Mantenham-se woke. Observem com atenção o que se passa #FreePussyRiot.» O movimento woke aponta então para o despertar para uma visão global do Mundo em que todas as injustiças poderão ser assinaladas e combatidas.

É no seio do movimento Black Lives Matter que a expressão stay woke se tornará, no final dos anos 2010, num grito de chamamento para toda uma juventude indignada com a morte de jovens negros às mãos da polícia. Esta expressão é o título da curta-metragem que apresenta, em 2016, o movimento Black Lives Matter e relata a sua história. Além dos militantes afro-americanos, o termo será depois utilizado pelos jovens militantes brancos para designar aqueles que estão «conscientes» das injustiças feitas aos membros de todas as minorias oprimidas, não apenas a minoria negra, quer se trate de opressão associada à raça, ao género ou a qualquer outra pertença comunitária e vitimária. Em 2017, a palavra entra no Oxford English Dictionary, que o define assim: «Originalmente: bem informado, atualizado. Na atualidade, principalmente: atento à discriminação e à injustiça raciais ou sociais; usado frequentemente na expressão “mantém-te woke”.» Em França, o termo só se tornou corrente no final de 2020, e na maioria das vezes num sentido pejorativo: a ecofeminista Sandrine Rousseau forneceu inúmeros exemplos daquilo que pode ser um pensamento woke.

Esta origem do termo na música negra leva a que o movimento Black Lives Matter seja o que mais bem encarna o movimento woke. Um militante woke negro é, de certa forma, mais legítimo do

que qualquer militante branco. É o que exprime a música negra Georgia Anne Muldrow, que participou na canção de Erykah Badu. Segundo ela, a apropriação do termo pelos brancos é ilegítima, porque «ser woke é definitivamente uma experiência negra»: permite «compreender aquilo por que passaram os [nossos] antepassados» e também o facto de que «lutamos desde o dia em que aqui desembarcámos». Os wokes genuínos poderiam então ser unicamente os militantes negros.

Só mais tarde o termo woke será utilizado para ridiculizar este novo conformismo. O maior êxito neste domínio é o livro do comediante inglês Andrew Doyle, *Woke. A Guide to Social Justice*. Apresenta-se como um manual para se ser woke, redigido por uma «poeta interseccional radical empenhada no feminismo e na justiça social», na verdade uma estudante burguesa, Titania McGrath, muito ativa nas redes sociais e insuportável distribuidora de lições. As contas de Titania nas redes sociais, criadas por Doyle, são igualmente hilariantes. Por exemplo, a propósito da covid, Titania explica: «Estamos demasiadas vezes dispostos a julgar e a diabolizar aqueles que não compreendemos. Como vegetariana e humanitária, recebo refugiados de todo o tipo. E, sim, isso inclui o coronavírus.» Os absurdos de Titania anunciam geralmente os delírios woke com alguns dias ou alguns meses de antecedência. Com frequência, as suas fórmulas são interpretadas à letra por militantes woke. Rokhaya Diallo tratou assim de acompanhar um dos seus tweets, que dizia: «Se alguém vos pedir provas de racismo, basta responder que pedir provas de racismo é, por si só, uma prova de racismo. A bola está do vosso lado, fanáticos.» Há que dizer que este é um resumo preciso do pensamento de Robin DiAngelo, autora de proa da «teoria crítica da raça». ●

Este excerto do livro *A Religião Woke*, de Jean-François Braunstein, é publicado com o consentimento da Editora Guerra e Paz

PODER POLÍTICO

A NOBRE E NOVA ARTE DE MANDAR

A arte de mandar sempre nos remeteu para as elites e as lideranças. Hoje, há uma nova abordagem e até novos territórios. Os movimentos woke ou as culturas de cancelamento que dominam as redes sociais e a nossa sociedade trouxeram novos líderes a palco. Ativos, inconformados, são os primeiros a erguerem-se para mudar o mundo. A Internet é uma arma e com o telemóvel passam a palavra, fazem petições, cartas abertas, boicotes e convocam manifestações. A neutralidade parece já não ser uma opção. Quem são os novos líderes? Quais são as palavras de ordem destas novas lideranças? Quais os novos territórios de atuação? Quais as grandes causas dos novos ativistas (a crise climática, o racismo, o assédio)? E quais são as suas referências?



Aline Hall de Beuvink



PROFESSORA UNIVERSITÁRIA
NA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA
DE LISBOA

Julgo que em qualquer sociedade democrática, valores como igualdade, justiça, direitos são defendidos por todos. Há nomes dentro deste movimento que solidificam a sua “base teórica”: Kimberlé Crenshaw (o autor do conceito de “interseccionalidade”); Nikole Hannah-Jones (uma jornalista que criou o “1619 Project”, à volta da questão da chegada dos escravos africanos aos Estados Unidos); Robin DiAngelo (criadora do conceito “fragilidade branca”), ou Ibram X. Kendi (que popularizou o termo anti-racismo”), só para mencionar alguns. Muitos são os ativistas que tentam chamar a atenção para alguns propósitos, sendo talvez o nome de Greta Thunberg o mais conhecido, envolvendo a defesa do Ambiente e a questão das alterações climáticas (embora o atual Rei Carlos III, enquanto Príncipe de Gales, tenha chamado a atenção para estas questões desde os anos 70...).

Também poderíamos referir, mais recentemente, sobre racismo, o casal Harry e Meghan, duques de Sussex, mas os eventos recentes comprovaram que, não só já não são levados a sério, como mentiram sobre as suas aclamações e mostraram-se ao mundo como apenas dois narcisistas à procura de atenção.

Não desfazendo aqueles que verdadeiramente lutam e acreditam que estão a defender valores, muitos dos ativistas que se integram neste movimento procuram apenas isso: atenção para si próprios e alguns minutos de fama.



Michael Baum

MEMBRO EXECUTIVO DO BOARD DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO (FLAD) E PROFESSOR CATEDRÁTICO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



A liderança do futuro é para quem sabe que “liderar”, no sentido tradicional da palavra, é já passado. O que importa agora é ser alguém que tem jeito para “ligar” as pessoas e ajudá-las a fazer as conexões entre elas e os recursos que precisam – promovendo a capacidade dos grupos a sentir-se “empowered” por eles próprios.

A liderança clássica e hierárquica, ao estilo militar, com mandatários e seguidores, tem os seus dias contados. As novas gerações vão ficar fartas de serem geridas pelos “influencers” e zombificadas pelos algoritmos das multinacionais da Internet. Vão querer escapar a isso para algo mais autêntico, mais orgânico, decidido em comunidades mais participativas – o que o Ben Barber chamou Strong Democracy (1984). Prevejo que vai haver uma certa revolta popular contra o poder da IA e o *machine learning*, talvez uma nova era de Levelers e Diggers, com uma contestação geral dos donos das máquinas que se lhes queiram substituir.



Paula do Espírito Santo

PROFESSORA ASSOCIADA COM AGREGAÇÃO, CAPP/ISCSP/UNIVERSIDADE DE LISBOA



Neste continuum de atitudes extremas na política, onde se vive entre um polo, o da apatia, e afastamento da política versus o seu oposto, o da crítica e assertividade cívica, como Welzel e Dalton nos enunciaram em «From Allegiant to Assertive Citizens», a política encontra novo fôlego nos muitos ativismos que recrudescem, entre o clima, o racismo, o assédio, as minorias, as desigualdades e os múltiplos palcos, contextos, agentes e alvos de exclusão. Os novos líderes são o produto acabado da Democracia, com todas as suas assimetrias e oportunidades, sendo, para além de fortemente persuasivos, persistentes, batalhadores, como todos os líderes, também fortemente versáteis tecnologicamente. As suas palavras de ordem apelam à integração, à igualdade, à dignidade, ao respeito. As referências dos novos ativismos tendem a ser, cada vez mais, suportadas em especialistas, na investigação, nas bases tecnológicas e de ciência que fornecem o lastro e credibilizam os discursos. Os novos ativismos convocam a racionalidade, o conhecimento, a tecnologia e apelam ao sentido crítico e lógico da razão democrática.